

## **A ARTE-EDUCAÇÃO E O AUTORRETRATO: FERRAMENTAS ARTÍSTICA NO PROCESSO DE REUMANIZAÇÃO DA MULHER.**

Carlos Antonio Oliveira dos Santos<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins, carlostaz16@yahoo.com.br

Jefferson Valentim<sup>2</sup>

Universidade Federal de Campina Grande, jeffersonvalentim2014@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho evidenciou uma análise da mídia televisiva como um aparelho ideológico de reprodução da elite social dominante no Brasil, que tem uma postura opressora à conduta e estética da mulher negra. Também relata uma oficina educacional sobre a linha de expressão comunicativa através das artes, utilizando o método da espiral desenvolvido por Claudia Colagrande (2010) unido à pedagogia do oprimido de Paulo Freire (1981), para proporcionar as participantes expressarem o que sentem e refletirem sobre a construção midiática da mulher negra por meio da arte. A partir da observação das fotografias, diálogos e das falas feitas pelas participantes, foi possível perceber que o objetivo geral de proporcionar aos membros de expressarem o que sentem e refletirem sobre a construção midiática da mulher negra por meio da arte, foi alcançado. Por meio da metodologia da espiral elas puderam expressar o que sentiam de forma a usar linguagem não verbal da arte e posteriormente de forma dialógica realizar discussões críticas sobre a realidade social que elas coexistem, assim se indagando o porquê das posturas e normas impostas a elas.

**Palavras-chave:** Arte-educação, autorretrato, educação.

### **Introdução:**

Na sociedade contemporânea, diversos mecanismos superestruturais foram criados e reafirmados para manutenção e reprodução da sociedade. Esses mecanismos que são fundados em bases ideológicas de uma elite dominante, atuam nos agrupamentos humanos

---

<sup>1</sup> Graduado em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal do Tocantins. Pós Graduando em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Brasil de Ensino – IBRA.

<sup>2</sup> Membro do grupo de estudos literários Paulo Freire (GESPAUF), pertencente à Fundação Universitária de apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão – FURNE criando em 05/05/2005. Integrante no projeto de extensão - Fotografia Colaborativa na Escola da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, e aluno do curso de Comunicação Social com ênfase em Educação da mesma instituição.

como aparelhos de manutenção reprodução da sociedade. Conforme Guareschi (2008) os aparelhos de reprodução da sociedade, são aparelhos ou mecanismos, que a sociedade criou para se fortalecer e legitimar, podendo assim garantir sua continuidade.

Esses aparelhos, que são mecanismos para normatização do sujeito em sociedade, atuam como aparelhos repressivos e ideológicos. Os repressivos são os que na função de manutenção e reprodução da sociedade usam a força, a violência, ou a coação-repressão e estão a serviço de um tipo de gente, de uma classe social que são donos do capital, e atuam, na maioria quase absoluta das vezes, contra a outra classe, que são os trabalhadores economicamente prejudicados e do sexo feminino (GUARESCHI, 2008). Os aparelhos ideológicos, conforme Guareschi (2008) são compostos pela igreja, família, escola, sindicato, leis e os meios de comunicação social (rádio, televisão, jornal, filmes, teatros). São aqueles aparelhos, ou mecanismos, que na sua função e manutenção e reprodução das relações numa sociedade usam a persuasão, a cantada, isto é, a ideologia, a prescrição para reproduzir um pensamento, que por vezes gera opressão no indivíduo,

Conforme Freire (1981, p.34), “um dos elementos básicos na mediação opressores oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra” que introjeta uma “consciência hospedeira da consciência opressora. Por isso, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles, as pautas dos opressores.” (FREIRE, 1981, p.35).

Nessa perspectiva, este trabalho evidencia uma análise da mídia televisiva como um aparelho ideológico de reprodução da elite social dominante no Brasil, que tem uma postura opressora à conduta e estética da mulher negra e relata uma oficina educacional sobre a linha de expressão comunicativa, através das artes com o método da espiral desenvolvido por Claudia Colagrande (2010), unido à pedagogia do oprimido de Paulo Freire (1981) para proporcionar as participantes expressarem o que sentem e refletirem sobre a construção midiática da mulher negra por meio da arte.

### **O discurso da grande mídia e opressão à mulher negra:**

Na sociedade brasileira, “caracterizada particularmente pela forte presença dos meios de comunicação nas relações sociais cotidianas” (GERALDO; NOGUEIRA et all, 2010,p.4), as conexões que se estabelecem entre os sujeitos e veículos midiáticos, possibilita a aproximação de narrativas que fornecem a perspectiva de espaço e tempo do outro sobre um

olhar construído de acordo com a ideologia da emissora do conteúdo. Isso acontece devido à mídia capturar e criar narrativas que enquadram acontecimentos de acordo com a identidade midiática da mesma.

Conforme Charaudeau (2006, p.131), não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o da mídia, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Esse fragmento do Real construído pela mídia é transmitido em forma de discurso que, conforme Sodré (1999) atua nos níveis micro e macro, assim como nos registros da intera o e da cogni o sendo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as rela es inter-raciais nos sujeitos.

Dessa forma, o discurso midiático tem poder de estereotipar e criar rela es de prescri o sobre o sujeito, como fez nas novelas desde 1980, nas emissoras, Globo, Record e SBT, em que, as mulheres negras foram, e ainda são, em menor número no presente, atenuadas em papéis que remetem às desigualdades entre negros e brancos.

Em suas poucas apari es na teledramaturgia, apresentam-se como empregadas domésticas e ostentam cabelos originalmente crespos, assim cria-se a necessidade de “alisar” os cabelos para serem aceitas na sociedade. Logo a mudança de cultura, postura e corpo são expostas como sin nimos de felicidade, o que permite criar um imaginário social de que a est tica corporal e cor dessas mulheres são algo estranho, que não merece ser incluso na sociedade.

Conforme Sodré (1999 p.243) os “meios de comunica o de massa-resultam os padrões cognitivos e políticos que orientam os componentes da a o social e do julgamento  tico presentes no comportamento racista”, o que resulta em um processo de desumaniza o por meio da média. Essa desumaniza o que se configura em uma voca o negada por meio da sua representa o distorcida nos veículos de comunica o social, e precisão do indivíduo, “mesmo que um fato concreto na história, não  , porém, um destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos“ (FREIRE, 198, p. 30), que   fruto da a o de entidade que prescrevem os atos de repressões e coes es do ser, negando a eles o direito de si construir como ser humanizado.

Assim, nessa perspectiva, a mulher negra,   imbuída do estado psicológico de ser menos, que   um estado prog nito da prescri o. Nesse sentido, a prescri o   um dos elementos básicos na media o entre a média e a mulher em que todo ato de violência simbólica de opressão têm uma imposi o de uma consciência   outra, impondo uma forma de pensar e agir em sociedade. Conforme Freire (1981, p. 35) “os oprimidos, que introjetam a

“sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade”. A liberdade, de se vestir da forma que desejar, de falar o que se pensa, de agir, e de se ver como se realmente quer.

E na medida, em que os oprimidos desejarem “a expulsão desta sombra, exigiria deles que preenchessem o vazio deixado pela expulsão, com outro conteúdo - o de sua autonomia” (FREIRE, 1981, p.35) que, seria uma consciência crítica, verdadeiramente liberta do opressor. E essa consciência, deve ser criada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação da sua humanidade roubada, e não ao acaso, mas pela práxis de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de se conhecer (FREIRE, 1981).

#### **Autorretrato e educomunicação:**

O autorretrato, sob a mediação de uma abordagem educomunicativa que é uma área de identidade própria que aflora da interface entre os tradicionais campos da educação e comunicação, objetiva ampliar as condições de expressão do indivíduo como forma de engajar os mesmo em seu próprio processo educativo (ISMAR, 2011), seja o mesmo de educação formal, não formal e informal.

Ela, metodologicamente, possui sete áreas de intervenção, que se materializaram no estudo epistemológico da educomunicação para que se compreendam as diferentes formas, como a educação e a comunicação se conectam.

#### **Quadro 1 – Áreas de intervenção da educomunicação**



CAMPO FUNDANTE	Media studies	Educação	Artes	Comunicação Social	Educação	Educomunicação	Administração/ Comunicação Social
ÁREAS	Educação para a comunicação	Pedagogia da comunicação	Expressão pelas artes	Produção midiática	Mediação tecnológica na educação	Epistemologia da educomunicação	Gestão da comunicação
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
FOCO PRINCIPAL	Capacitar os participantes para a prática da comunicação dialógica, usando - ou não - as tecnologias.	Usar recursos da comunicação para facilitar a construção de conhecimento.	Dialogar, usando as linguagens artísticas.	Produzir conteúdo midiático com intencionalidade educativa.	Inserir as tecnologias na educação.	Estudar a educomunicação.	Implantar e otimizar fluxos de comunicação em ecossistemas comunicativos
	Educação para a comunicação.	Educação pela comunicação.	Comunicação pela emoção.	Comunicação de valores e conceitos, usando produtos midiáticos.	Educação a distância, comunicação mediada por tecnologia.	Divulgação, pesquisa, estudo sobre a educomunicação.	Diagnóstico, planejamento, implementação e avaliação de ecossistemas comunicativos
VALORES	Igualdade de acesso, relação dialógica horizontalizada entre todos os envolvidos, com tomadas de decisão participativa.						

Fonte: Almeida, 2015, p. 13.

Conforme Soares (2016), todas as áreas de intervenção têm como objetivo maior um termo na terminologia educomunicação: a ação ou mais precisamente a transformação. Para que uma oficina seja considerada educomunicativo, é necessário que ela tenha atitudes positiva na realidade de seus participantes, modificando a realidade social que está inserida a tornando-o mais aberta, horizontal, democrático e crítico.

Dessa forma, o presente trabalho focou-se na área de expressão pelas artes, que se utiliza do diálogo com a linguagem artística, mais especificamente a comunicação emocional e o autorretrato como arte, “para desenvolver formas sutis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidades, construir, formular hipóteses e decifrar metáforas” (BARBOSA, 2004, p. 51) sobre a sociedade e a produção simbólica.

Conforme Soares (2015) essa comunicação emocional busca garantir por meio da arte “espaços de fala, visibilidade e livre expressão para que cada um dos sujeitos sociais” possam se expressar em suas mais profundas formas. Nessa perspectiva o autorretrato, como arte permite ao educando refletir sobre si e materializar a sua identidade no autorretrato, revelando o que imagina ser, o que deseja e pretende ser (ABREU, 2011).

Pois, conforme Abreu (2011), ele reflete a relação entre a poética do sujeito e a vida social de cada época, ou seja, as exigências religiosas, as normas sociais, políticas e éticas que contribuíram para estabelecer maneiras do sujeito se portar no mundo. Dessa forma, ele

permite o indivíduo mostrar suas convicções sobre sua realidade social e o que considera importante na forma de se representar.

### **Procedimento Metodológico:**

Nessa etapa, para constituição da oficina foi utilizado o método da espiral desenvolvido por Colagrande (2010), que consiste em um método que tem como objetivo dar visibilidade aos sentimentos mais profundos de um sujeito por meio da arte. Assim, indo desde uma sensibilização; motivação; fazer artístico; contemplação; análise da obra, para proporcionar aos oficinairos expressar o que sentem por meio da arte ao (Colagrande, 2010)

Nessa perspectiva, a aplicação da oficina teve duração de dois dias. Esses dois dias de atividades tiveram duração de duas horas cada, assim a oficina foi apresentada no primeiro dia e logo após metodologia. No segundo dia foi dada continuidade do método da espiral e a conclusão da oficina com a reflexão sobre todo o processo que foi realizado.

Em um primeiro momento foi implementado a metodologia da espiral, em que a sensibilização consiste na primeira etapa do método, onde o “objetivo é desconstruir o grupo para atividades criativas” (COLAGRANDE, 2010, p.69). Assim foi utilizada a dinâmica de criação de desenhos e pintura, que consiste no ato do participante desenhar uma parte de si que mais o agrada ou algo de acordo com sua realidade social. Esse fenômeno permite ao sujeito “poder se expressar por meio da linguagem não verbal, da arte” (COLAGRANDE, 2010, p.69). Assim essa parte foi feita para se sensibilizar como esse estado de criação e motivação da arte, como ferramenta para expressão do não falado, o não contemplando, assim permitindo ser dito e dialogado por meio da arte.

Na segunda etapa, que é a motivação, Conforme Colagrande (2010) é o momento de argumento para criação, e nela foi apresentado como surgiu o conceito de autorretrato, fotografia e arte, mostrando pinturas voltadas para a autorrepresentação, buscando propor “através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação” (Freire, 1987, p.49).

Na terceira etapa, o fazer artístico, foi aplicado os meios técnicos e linguísticos da fotografia para os educando pudessem “experimentar, investigar, criar, compor e expressar muitas coisas que permaneciam ocultas em nosso íntimo, tornando-as visíveis”(COLAGRANDE, 2010. p.70) por meio da fotografia, utilizando da técnica de autorretrato para realização da obra fotografica.

Na quarta etapa, conforme Colagrande (2010) é o momento da contemplação, o momento apreciação da obra, nela o olhar é estimulado a contemplar o que foi feito no ato em si. Nessa etapa, as participantes foram levadas a contemplar as autoimagens sozinhas em reflexão por meio do diálogo do porque se autorrepresentaram dessa forma, e qual a relação dessa representação com o que elas percebem do mundo e como as pessoas do convívio social deles os tratam.

Na quinta etapa, a análise da obra, os participantes ficaram tiveram a opção “verbalizar o que perceberam de sua produção” (COLAGRANDE, 2010. p.70). Nessa parte, em uma ação dialógica com os participantes, elas puderam mostrar suas fotografias falando das emoções que sentira, ao produzir, analisar e do que consegue perceber da representação de si em relação à ao que a mídia expõe.

### **Resultados e conclusão:**

Uma vez aplicada à oficina educacional de autorretrato para as 10 integrantes, elas refletiram sobre sua realidade social e opressão ocorrida por meio de instâncias midiáticas que realizam a representação da mulher negra como a feia, a desprovida de beleza. Na sensibilização, que foi a primeira etapa do método, os participantes desenharam as partes que do corpo que eles menos gostavam. Isso ocorreu segundo as mesmas, por haver uma construção social e midiática sobre como essas partes devem ser. Assim, elas desenharam a parte da face, lábios e cabelos, expressando o que a sociedade segundo elas esperam de uma mulher negra.

Na segunda, etapa que foi a exposição e contextualização da fotografia e arte, utilizando pinturas para mostrar o autorretrato. Os participantes discutiram entre si, sobre a visão e composição da fotografia, debatendo sobre como os planos, as cores, os ângulos e a iluminação criavam uma narrativa para expressar o que o indivíduo sentia e o que as mesmas passavam na sociedade ao qual ele fazia parte.

Na terceira parte o fazer artístico, foi apresentado as variáveis da fotografia, bem como, a linguagem fotográfica que permite por meio da máquina fotográfica construir narrativas imagéticas sobre o olhar do sujeito. Nessa etapa as participantes, após o domínio da técnica fotográfica bem como da linguagem como um todo, ficaram livres para realizarem seus registros fotográficos.

Na quarta etapa, a contemplação, as participantes foram levadas a contemplar a autorrepresentação imagética, em diálogo sobre do porque se representaram em determinadas

roupas, cortes de cabelo, maquiagem, e qual a relação dessa representação com o que eles percebem da realidade social que eles coexistem. Assim, algumas falaram da construção que a mídia faz da mulher negra e outras falaram de construção que já está impregnada nos outros e discursivamente vai sendo transmitida, como discurso de ódio que só as prejudica mais.

Na quinta etapa, a análise da obra, os participantes de forma dialógica socializaram um com os outros a percepção que tiveram das suas fotos. Assim, falando das posturas que os oprimiam e o motivo deles registrarem a foto da forma que registraram. Nessa perspectiva Ana Lucia estudante de 22 anos de idade, expressa que “durante toda sua vida, ela se representava como o que os outros queriam e por meio da oficina de autorretrato ele pode se perceber que ela pode se expressar mostrando quem ela realmente é, o que a deixou emocionada e consciente de que deve lutar para ser o que quiser”.

A partir da observação das fotografias, diálogos e das falas feitas pelas participantes, foi possível perceber que o objetivo geral de proporcionar aos participantes expressarem o que sentem e refletirem sobre a construção midiática e a representação da mulher negra por meio da arte, foram alcançados. Por meio da metodologia da espiral eles puderam expressar o que sentiam através da linguagem não verbal da arte e posteriormente de forma dialógica realizar discussões e críticas sobre a realidade social que eles coexistem, assim se indagando o porquê das posturas e normas impostas a eles.

### **Referências:**

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação.**

Disponível em: [http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as\\_reas\\_de\\_interven\\_da\\_educo/1](http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as_reas_de_interven_da_educo/1) Acesso em: 24 jul. 2018.

ABREU, R. Simone. **Autorretrato:** inventando a si mesmo. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em artes Plásticas. Rio de Janeiro. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em artes Plásticas.** Rio de Janeiro: ANPAP, 2011, p. 2800-2814.

BARBOSA, A. M. **Porque e como:** arte na educação. Arte em pesquisa: especificidades, Brasília, v. 2, p. 48 – 52, ago., 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discursos das mídias.** São Paulo: Econtexto. 2006.

COLAGRANDE, Claudia. **Arte terapia/ Metodologia espiral**. São Paulo: Wak. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10 ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1981.

GERALDO, Sebastião; NOGUEIRA, Silas; CAMPOS, Renato Martins; VICENTE, Joana Mortari. **Cultura, mídia e imaginário popular**. InRevista, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 1-10, 2010. Disponível em: <http://www9.unaerp.br/comunicacao/images/inrevista/07.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2018.

GUARESCHI, Pedrinho. **A sociologia crítica: Alternativas de mudança**. 6ºed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SOARES, Luciano de Sampaio. **Do Autorretrato ao Selfie: um breve histórico da fotografia de si mesmo**. Tuiuti: Ciência e Cultura, Paraná, v. 1, n. 48, p. 179-193, 2014. Disponível em: [http://universidadetuiuti.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo\\_4/tcc\\_48\\_hist\\_da\\_ccao/pdf\\_48/ar\\_12.pdf](http://universidadetuiuti.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo_4/tcc_48_hist_da_ccao/pdf_48/ar_12.pdf). Acesso em: 24 jul. 2018.